



<b>Título:</b>	<b>EDUCAÇÃO EM SAÚDE E A PEDAGOGIA DA MORTE EM O CEMITÉRIO, DE STEPHEN KING</b>		
<b>Autores:</b>	Giordanno Alexandre Dickel Wesley Warken Kolling Vitória Merten Fernandes Camilo Darsie de Souza		
<b>Área</b>	<input type="checkbox"/> Humanas <input type="checkbox"/> Sociais Aplicadas <input checked="" type="checkbox"/> Biológicas e da Saúde <input type="checkbox"/> Exatas, da Terra e Engenharias	<b>Dimensão:</b>	<input type="checkbox"/> Ensino <input checked="" type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Extensão <input type="checkbox"/> Inovação
<b>Resumo:</b>			
<p>A morte é um tema frequentemente silenciado em nossa sociedade, vista como fracasso e tabu. Essa negação, associada à lógica capitalista de produtividade, acelera processos de luto e impede a elaboração saudável da perda. Diante disso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a literatura, especificamente o romance de Stephen King, <i>O Cemitério</i> (1983), como ferramenta de educação para a morte, explorando de que modo narrativas de terror podem problematizar a finitude e abrir espaço para a elaboração simbólica do luto. A metodologia adotada foi a análise da obra literária a partir de referenciais teóricos sobre morte, luto, cultura e mídia, relacionando o percurso dos personagens às representações sociais da morte e finitude. O enredo apresenta a família Creed confrontada por perdas irreparáveis e pela tentação de negá-las, simbolizada através do cemitério sobrenatural que devolve os mortos em formas corrompidas. Louis, médico e pai, simboliza a recusa de aceitar a finitude tomando decisões que mexem com a irreversibilidade da morte, enquanto Rachel, traumatizada pela experiência com a irmã Zelda, representa a dificuldade de falar sobre a morte e lidar com ela, em um exemplo de como a falta de educação para a morte tem efeitos sobre nós. Já Jud, vizinho da família, surge como contraponto, lembrando que “às vezes, morto é melhor”, isto é, aceitar a finitude pode ser mais saudável do que prolongar artificialmente a dor. Ao mesmo tempo, a narrativa ficcional dialoga com questões biopolíticas contemporâneas, como a medicalização da morte, a patologização do luto e a invisibilização dos rituais de despedida. Os resultados dessa leitura evidenciam que a literatura de terror funciona como um “laboratório afetivo”, no qual o leitor experimenta simbolicamente o medo, a dor e o enfrentamento da perda em um espaço seguro e mediado, permitindo refletir sobre suas próprias experiências com a morte. Essa vivência aponta para a potência do terror e das mídias (aqui representadas pela literatura), capazes de mobilizar sentidos e educar para a finitude ao trazer para o centro do enredo o que a sociedade busca silenciar. Compreendemos a educação para a morte como a integração da morte como parte natural do desenvolvimento humano, contribuindo para uma vida mais consciente, portanto <i>O Cemitério</i> nos traz a possibilidade de elaborar cultural e simbolicamente a finitude. Concluímos que <i>O Cemitério</i>, ao tematizar a recusa da morte e seus desdobramentos trágicos, evidencia o preço da negação do luto. Dessa forma, a literatura, ao invés de anestesiar, nos aproxima daquilo que mais tememos e nos convida a elaborar coletivamente a morte como parte indissociável da existência, cumprindo um papel contra-hegemônico de educação</p>			



informal, oferecendo narrativas que afetam modos de subjetivação, funcionando como espaço em que aprendizados ocorrem para além da escola.

**Link do Vídeo:**

[https://drive.google.com/file/d/112BEDXTS\\_owGcD85LkoWyBHa\\_63x1Qz4/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/112BEDXTS_owGcD85LkoWyBHa_63x1Qz4/view?usp=sharing)